

Entrevista com Lubi Prates

Oluwa-Seyi Salles Bento¹

RESUMO

Entrevista realizada com a poeta Lubi Prates, por e-mail, em 16 de julho de 2019, em São Paulo.

Lubi Prates (1986, São Paulo, Brasil) é poeta, editora e tradutora. Tem três livros publicados: *coração na boca* (2012), *triz* (2016) e *um corpo negro* (2018), contemplado pelo PROAC com bolsa de criação e publicação de poesia, além da plaquete trilingue *de lá / daqui* e de diversas participações em antologias nacionais e internacionais. É sócia-fundadora e editora da "nosotros, editorial", e é editora da revista literária *Parênteses*. Organizou a *Golpe: antologia-manifesto* e os festivais literários pela visibilidade das mulheres [*eu sou poeta*] (2016, São Paulo) e *Otro modo de ser* (2018, Barcelona). Realiza pesquisa de mestrado em Psicologia do Desenvolvimento Humano, na Universidade de São. Além disso, É uma das organizadoras do *Clube de Leitura Antirracista*, no qual discute-se sobre obras que tangem as relações raciais, a identidade negra, a branquitude e outros temas correlatos.

Revista Crioula: *Ser escritora e/ou psicóloga fazia parte dos seus sonhos de criança? Se não, o que a menina Lubi faria hoje?*

¹Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Bolsista CAPES.



Lubi Prates: Meu sonho de criança era ser médica. Conforme fui crescendo, fui também entendendo o que esse sonho significava. Sempre tive muito desejo de exercer atividades onde estivesse em posição de cuidar, de alguma maneira, de outra pessoa. Encontrei isso com a Psicologia e não faria outra coisa, como profissão, na minha vida.

RC: *Qual conselho você daria para si mesma na infância?*

LP: "Aproveite o seu tempo, aproveite o tempo de cada coisa. Entre no seu ritmo".

RC: *A literatura ajuda (ou atrapalha), de alguma forma, sua vivência no consultório ou na pesquisa?*

LP: São duas atividades minhas que me esforço para que não sejam misturadas. Minha vivência no consultório pede uma privacidade contrária à literatura e seus muitos eventos. Então, geralmente, quando o assunto comigo é Psicologia, não vai ser também Literatura. Sobre a pesquisa, me ajuda a estruturar o que vou contar e como vou contar.

RC: *Qual o tema da sua pesquisa de mestrado?*

LP: As mulheres negras são, constantemente, confrontadas com imagens estereotipadas do que é ser uma mulher negra. A partir de projetos fotográficos que desconstroem esses estereótipos, investigo se essas fotografias interferem na maneira como as mulheres fotografadas se enxergam enquanto negras e como essa interferência acontece.

RC: *Qual sua opinião sobre a adjetivação da literatura, ou seja, o uso de termos como 'negra' ou 'afro'?*

LP: Acho que precisamos pensar em qual é a função da adjetivação. Como organização, como marco de um período histórico, acho importante nomear o que é Literatura, Poesia Negra/Afro-brasileira. Isso fala sobre nossas identidades, nossos modos de ver a vida e viver. Mas, não acho, necessariamente, que sempre devemos ser marcados como poeta "negro". De alguma maneira, vão ver isso, é uma informação presente em todo nosso corpo. Mas, por que, com essa marcação dada, espera-se que falamos sempre sobre raça (seja na escrita, seja em falas públicas) e não podemos falar sobre o que quisermos?

RC: *Você percebe uma franca abertura do espaço literário para os sujeitos negros? Não digo sobre a criação de um nicho, de um cercado, mas de uma presença integrada, orgânica...*

LP: Infelizmente, não. Meu sonho é ver negros em todas as antologias, todos os festivais literários, sem ser algo "forçado", numericamente pensado, sabe? Mas que esses escritores sejam conhecidos e reconhecidos pelo que fazem.

RC: *Eu te acompanho pelas redes sociais e tem sido muito perceptível uma efervescência maravilhosa em muitos campos da sua vida. Produção acadêmica, cursos, mediações, traduções e lançamentos... Quais são seus próximos passos?*

LP: Essa quantidade de atividades é uma faca de dois gumes. Sim, eu faço todas essas coisas porque são coisas que gosto de fazer, me dão prazer, me desenvolvem



como ser humana. Mas, sinto que precisei fazer MUITAS coisas para que tivesse visibilidade, reconhecimento. E isso é um comportamento observado em outras mulheres negras. Ou seja, é um rastro de racismo e sexismo que nos coloca dentro de uma quantidade imensa de trabalho (ou de anos de trabalho) para ser vista e respeitada como profissional. Meu próximo passo, durante o ano de 2020, é permitir que a poeta e a tradutora que eu sou descansem para que eu me dedique à minha pesquisa e mais ao meu trabalho como psicóloga clínica.

RC: *Sobre as traduções e lançamentos de livros em outros países, qual a sua relação com os tradutores do seu trabalho?*

LP: Tanto os tradutores (inglês, espanhol e francês) quanto os editores de *un cuerpo negro / a black body* (versão bilíngue em inglês e espanhol que deve ser publicada na Argentina, Colômbia e Estados Unidos) e *un cuerpo negro* (versão bilíngue em português e espanhol que deve ser publicada na Argentina e Espanha) são pessoas que tiveram contato com *um corpo negro*, em português, e acreditaram que era um material importante para ter em seu idioma.

RC: *A tradução por vezes é lida como uma espécie de coautoria, já que as escolhas lexicais, a busca por termos que expressem as mesmas ideias e carreguem os mesmos sentimentos, sobretudo na poesia, são trabalhos muito importantes e complexos. Você acredita que a tradução de trabalhos que pautam a experiência negra precisa ser realizada por pessoas negras?*

LP: Acredito que, preferencialmente, trabalhos que pautam a experiência de ser negro deveriam ser traduzidas, editadas por pessoas negras. Mas, não necessariamente... Porque não há muitos negros, infelizmente, nessas posições de

poder no mercado editorial para interferir no que é produzido. Quando um trabalho de tradução sobre temáticas negras é feito por brancos, estes brancos devem trabalhar em conjunto com quem está produzindo a obra, porque essa troca é fundamental em qualquer tradução.

RC: *Como foi a experiência de fundação da "nosotros, editorial" ?*

LP: A "nosotros, editorial" nasceu depois de algumas experiências ruins com o mercado editorial brasileiro. Eu me sentia presa a situações que limitavam o meu trabalho e achava isso inaceitável. Por isso, me juntei com amigas e amigos para discutir a criação de uma editora que se alinhasse aos nossos gostos em comum: poesia, dramaturgia e América Latina. Hoje, estão comigo: Carla Kinzo (também fundadora da editora), Priscilla Campos, Sheyla Miranda, Helena Zelic e Mayara Barbosa. E temos um catálogo, em expansão, com 14 títulos de poetisas brasileiras e argentinas.

RC: *Você é uma das responsáveis pelo Clube de Leitura Antirracista. Como tem sido essa experiência?*

LP: Tem sido uma experiência maravilhosa! Vine (Aleixo) e eu pensamos em abrir um espaço para a discussão racial fora da academia, porque é uma temática e um entendimento sobre os quais todos precisam ter acesso. Já discutimos Neusa Santos Souza, Lia Vainer Schucman, bell hooks e Ailton Krenak. Os participantes se mostram interessados em discutir, em se questionar e engajados em construir uma sociedade antirracista.



RC: *Há mais de mil um corpo negro, seu livro mais recente, no mundo! O que este número significa para você como escritora negra?*

LP: Tem uma frase que diz "nunca foi sorte, sempre foi Exu". Eu penso que é resultado de muito trabalho - não apenas com o *um corpo negro*, mas escrevo desde os 18 anos e publico na internet, desde então. Em 2012, publiquei meu primeiro livro, *coração na boca*; em 2016, o segundo, *triz*. No ano seguinte, fui contemplada com o PROAC para escrever e publicar o *um corpo negro*. São muitos anos nesta labuta, mas chegamos nesse número e me surpreendeu, sim!

Recebido em 27/07/2019
Aceito em 30/07/2019